

A ÚLTIMA TRIBO PERDIDA

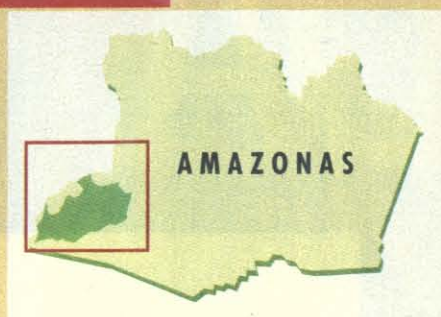
Expedição da Funai faz contato com os índios korubos depois de procurá-los por 25 anos

BEATRIZ CARDOSO E RICARDO BELIEL [fotos] de Atalaia da Norte

Possuelo, de joelhos, no primeiro encontro: lágrimas e emoção depois de sete dias na selva

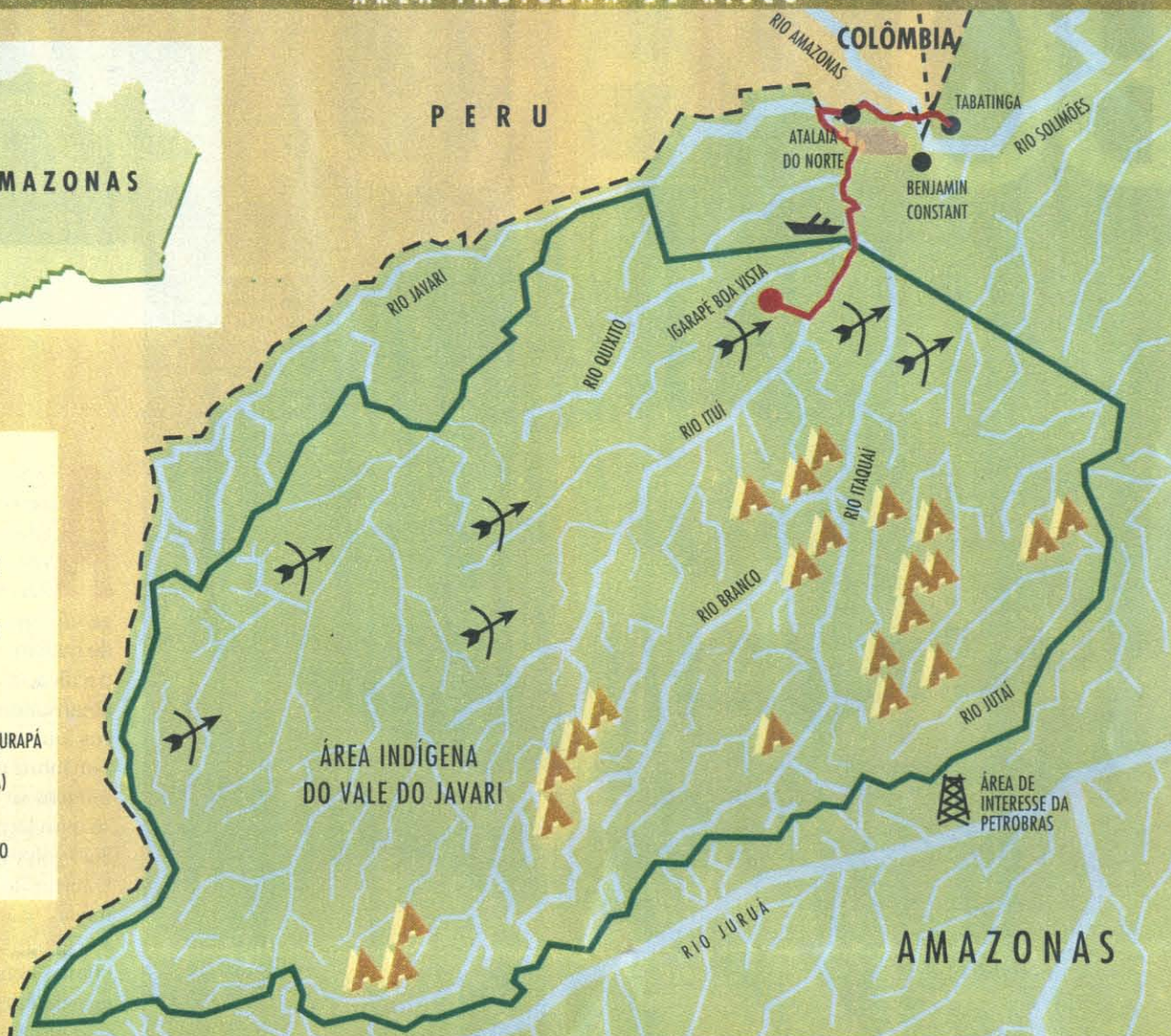
ADEMAR MENDES BARROS retira o boné e coloca na cabeça do índio que se aproxima, saindo do milharal. O korubo presenteado esfrega uma misteriosa erva no rosto do mateiro da Funai. É o ritual da pacificação: são os korubos amansando os espíritos dos brancos, que até hoje só lhes trouxeram morte e perseguição. Índios e brancos se abraçam: corpos que se entrelaçam pela primeira vez. Sem golpes de bordunas ou tiros. O terror do Vale do Javari, os temíveis caceteiros, que matam seus inimigos esmagando seus crânios com golpes de bordunas, guardaram suas armas. E decidiram tentar o diálogo pacífico. É o encontro do final do século entre índios isolados, da era pré-Cabral, e os indigenistas da modernidade, que utilizaram sinais de satélite para localizar este grupo indígena que até hoje foge à aproximação do homem branco. Os olhos do sertanista Sydney Possuelo enchem-se de lágrimas. A Frente de Contato Vale do Javari, comandada pessoalmente por Possuelo, chefe do Departamento de Índios Isolados da Funai, pode enfim comunicar pelo rádio: o contato foi feito!

São 6h30 da manhã do dia 15 de outubro. O local é um roçado de milho, junto a uma maloca que há cinco dias estava abandonada, situada nas terras altas - não alagáveis na cheia - entre o rio Ituí e o igarapé Boa Vista, na região do Vale do Javari, na fronteira Brasil-Peru. Foram nove meses de trabalho duro, desde a criação da Frente, em janeiro deste ano. Esta é a quarta expedição



AMAZONAS

- ÍNDIOS ISOLADOS
- MALOCAS INDÍGENAS
- ROTA DA EXPEDIÇÃO
- LOCAL DO CONTATO
- BARCO JACURAPÁ (POSTO DE VIGILÂNCIA)
- PÓLO MADEIREIRO



Marco Bravo

TXOU! TXOU! VENHAM. O GRITO ECOOU EM RESPOSTA

do grupo, que nesta manhã preparava-se para deixar a área, acreditando que os índios haviam fugido. Afinal, já há sete dias o grupo de 26 pessoas estava no território korubo, tentando estabelecer um contato pacífico. E não tivera sucesso.

Presentes de amizade

Antes de partir, Sydney resolveu deixar novos brindes na maloca abandonada que havia visitado na expedição anterior. Os presentes utilizados como símbolos de amizade são panelas, facas, terçados e machados. O dia está nublado e todos estão desanimados. É quando um movimento rápido no milharal atrai a atenção dos indigenistas da Funai.

São os korubos! Três índios

passam correndo em frente ao grupo que ficara na retaguarda. À beira do roçado, o índio da tribo matis, Ivan, solta um longo chamado. Há quatro dias Ivan e o cacique matis Binan repetem esta saudação, que se perde no silêncio da mata. Por serem do grupo lingüístico pano, que os sertanistas acreditam ser o mesmo dos korubos, os matis acompanham a expedição como tradutores.

"Txou! Txou!" Venham, em língua pano. Desta vez ecoa um grito. É uma resposta! No meio do milharal surge um rosto bronzeado. O korubo, baixo, de corpo atarracado, completamente nu e com a parte posterior da cabeça raspada, esgueira-se entre os altos pés de milho, seguido por dois outros índios. O confronto de

olhares entre indígenas e brancos dura segundos. Os indigenistas sorriem emocionados para índios curiosos que, pela primeira vez, recebem visitas que não se anunciam por balas. Os korubos se aproximam. Estão nus. Têm como adornos braceiras de palha trançada. Os homens amarram o prepúcio com uma fita de envira (palha), que, presa à cintura mantém o pênis voltado para cima. Tocam tudo e todos. Começam a falar junto aos nossos rostos como se quisessem nos fazer entender que estão nos recebendo em paz.

Afonso Alves da Cruz, o único sertanista além de Sydney, percebe os olhos marejados do chefe. E nem se dá conta que ele mesmo está tentando conter a emoção,

embora já tenha participado de inúmeras outras atrações - entre elas, as dos arara e dos parakanã, em 1980, na região da Transamazônica, também sob o comando de Possuelo.

Bordunas fatais

Sem voz, de mãos dadas com um jovem korubo, Sydney retorna ao rancho que havíamos montado há quatro dias, a menos de dois quilômetros do roçado. Quatro outros korubos - três homens e uma mulher - seguem atrás. As mãos morenas, fortes, que manejam com destreza bordunas fatais, seguram mãos brancas. Quem ficou no acampamento assiste perplexo à chegada do grupo.

Os korubos estão aqui! Um pouco assustados pela maioria

PELA PRIMEIRA VEZ ERA UMA VISITA SEM BALAS

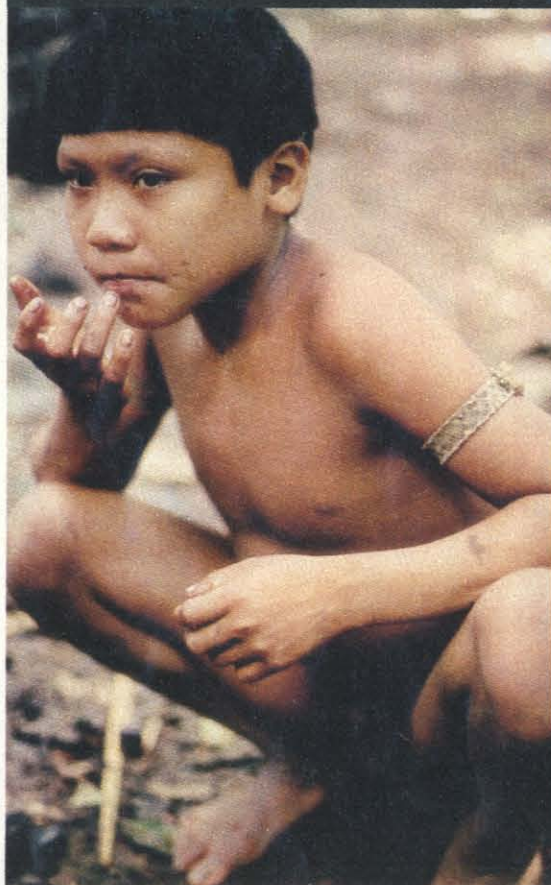
Um pedaço
de carne
de paca:
o korubo foge
com o presente
dos indigenistas



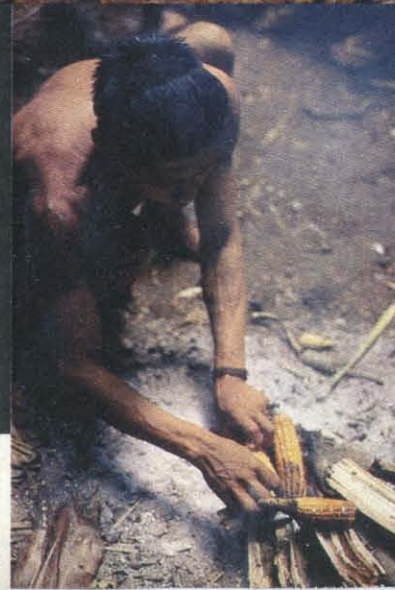
EM 1928, OS PERUANOS ARREGIMENTARAM TIKUNAS PARA MASSACRAR UMA ALDEIA DE KORUBOS



As mulheres se adornam pintando o corpo com jenipapo e cinzas, carregam os filhos junto com seus animais de estimação, os macacos. Os homens se pintam com urucum e barro e usam apenas braceiras de envira, uma espécie de palha nativa.



O MILHO é a base da alimentação. O medo da água torna a pesca proibida. Vivem da caça e da coleta de frutos da selva



numérica dos brancos, os índios indicam com gestos que nos sentemos. No chão, em troncos, qualquer lugar. Sentem-se intimidados com a estatura dos brancos. Eles são baixos - cerca de um metro e meio - e estão em minoria. Poucos ousaram seguir-nos desde o roçado. Sabemos que korubos, escondidos na mata, vigiam cada passo do grupo que entrou no acampamento.

E, hê! E, hê!

Falando sem parar, os índios sorriem e esfregam ervas no rosto de cada um da equipe. Pegamos nas mãos e começam a cantar. Uma grande roda se forma. Só sabemos repetir o refrão: E, hê! E, hê! Um som que vai nos acompanhar por muitos dias. A dança, o canto e as folhas maceradas que eles esfregam em nossas cabeças, rostos, bocas e braços, parecem fazer parte de um ritual. Nas últimas três décadas, os korubos foram caçados como animais, massacrados e até mesmo mortos com farinha envenenada ofertada como brinde por madeireiros, caçadores e ribeirinhos. Sem contar os confrontos com outros grupos indígenas: no Vale do Javari, há cerca de três mil índios de várias etnias, em diferentes estágios de contato com a Funai ou o homem branco, além de quatro outros grupos isolados.

O mais antigo registro que se tem de um massacre contra os korubos data de 1928, quando peruanos arregimentaram índios tikunas para matar toda uma aldeia - cerca de 40 pessoas. Eram os sinais de um novo tempo: o da exploração econômica da região, iniciada com a extração da borracha e seguida da madeira, que vigora até hoje. E é a madeira que acirrou a animosidade entre os índios e os ribeirinhos nos últimos 30 anos. Estes últimos, filhos e netos de seringueiros, hoje re-



Mayruna e matis, todos calçados, na tentativa de entender os korubos: a mesma língua com dialetos distintos

Os índios não entendem por que os brancos se cobrem tanto. Roubam as roupas e as jogam fora

produzem a mesma relação feudal de "aviamento" da época em que a borracha era ouro: são financiados pelos donos de serrarias para extrair madeira e ficam sempre com as contas "penduradas" na cantina do "patrão". Tornam-se cativos dos madeireiros e acabam penetrando cada vez mais em terras indígenas, em busca de madeiras mais nobres para saldar o "aviamento". E passam a ver os

índios, com os quais mantinham uma relação amistosa no passado - ainda que à distância -, como um obstáculo à alforria do dever.

São os korubos que desmentem a tão propalada belicosidade. Com sinais e um sorriso, à beira do roçado, demonstram reconhecer Soldado, apelido de Valdeci Santos, um caboclo da comunidade Ladário, à beira do Ita-

quai, um dos carregadores do equipamento da expedição. Ele já topou três vezes com os índios. E nunca foi importunado por bordunadas. O índio João Candido "Kurina", mateiro da Funai e genro de um homem que participou de uma chacina, também é recebido com sorrisos. Caçador e pescador emérito, João perambula há anos por esta região sem ser molestado pelos korubos.

Lá se vai o biquíni

Os cinco índios ficam cerca de duas horas no acampamento. Mexem nas redes, reviram as mochilas em busca de "troféus": lá se vai o biquíni com a qual tomo banho no igarapé, além de camisas e meias. O cobertor é retirado (faz frio à noite). Resgato-o logo depois: está jogado ao lado da fogueira. Pratos, canecas, panelas e biscoitos somem rapidamente nas mãos dos índios. A mulher korubo, um pouco mais alta que seus companheiros, mede forças comigo: carrega-me nas costas pelo acampamento. Com os braços ao redor de sua cintura, eu a tiro do chão. Ela ri. Sabe que apesar da bravata é muito mais forte. O corpo robusto está pintado com jenipapo misturado com cinzas, que compõem a tinta escura que leva até 20 dias para desaparecer da pele.

A índia korubo aperta meu seio, puxa a camiseta para certificar-se que sou mulher, sem entender por que os brancos se cobrem tanto. Busca os pêlos do púbis e confere meu sexo. Não há como impedi-la ou aos demais índios de fazerem uma inspeção da anatomia de quase todo o grupo. O milho que nos oferecem, no qual esfregaram também as misteriosas ervas, é sutilmente deixado de lado. Binan alerta que pode haver algum tipo de veneno. Mas tudo é pura dedução. Praticamente nada se sabe sobre este grupo indígena

O garoto korubo tenta entender o que o índio matis está dizendo: curiosidade e segurança



ATAQUES REDUZIRAM O NÚMERO DE MULHERES

arredio. Nem mesmo a sua auto-denominação. Alguns deles, batem no peito e dizem "Kaniwua".

É truncado o diálogo entre os korubos e os sete índios que acompanham a expedição como possíveis tradutores - três índios matis, três marubos e um mayruna. Há indícios de que são todos do mesmo grupo lingüístico, a língua pano. Mas há diferenças no dialeto de cada grupo. Até Binam tem dificuldade em se comunicar, ainda que seja filho de

uma índia korubo que foi seqüestrada pelos matis ainda pequena, em represália pelo roubo de mulheres da aldeia. Ele acredita que massacres diminuíram o número de mulheres korubos. Daí a prática de seqüestros, até mesmo de mulheres brancas. Não encontramos porém nenhum vestígio de brancos entre este grupo. Também não sabemos quantos são. Na maloca deve haver no máximo 25 pessoas. Mas há outras aldeias ainda desconhecidas. Os korubos

falam de parentes que estão longe, próximos ao rio Branco.

Assim que os índios saem Sydney manda desfazermos as mochilas. Ficaremos mais alguns dias. E envia sete homens para buscar mais alimentos, pois a caça está difícil. Racionamos o açúcar e o sal. À noite há uma escala de vigilantes: uma hora cada um, das 20 às 6 horas da manhã. Todo cuidado é pouco. É grande o temor de que se repitam emboscadas como as que ocorreram em

tentativas anteriores de contato: sete funcionários da Funai já morreram neste trabalho.

Os korubos tomam a iniciativa de nos visitar no segundo dia. Cinco homens chegam ao acampamento à tarde, liderados pelo mais forte, a quem alguns chamam de Ida. Sydney diz que é difícil saber se são os nomes verdadeiros. A mulher não veio. O pretenso líder está com o corpo e o rosto pintado de urucu, mesclado a uma lama vermelha. Ele traz

DIÁRIO DA EXPEDIÇÃO

9 DE OUTUBRO

Rio Ituí, Amazonas.

Fronteira Brasil-Peru.

Sydney Possuelo divide a carga mais pesada entre seus homens: alimentos, panelas, lonas plásticas, lanternas, armas e munições. Somos 26 pessoas ao todo, das quais, duas mulheres, três índios matis, três marubos, um mayruna e um kurina. Temos à frente

20 quilômetros de floresta cerrada até uma aldeia korubo localizada pela Funai, para contatar estes índios arredios, que aterrorizam a região. Entramos na mata às 10h30. Paramos às 16 horas na beira de um igarapé, onde montamos acampamento. O cansaço supera a fome de quem caminhou todo o dia apenas com alguns chocolates e colheradas de farofa de queixada.

AS BORDUNAS ESTAVAM ESCONDIDAS NA MALOCA

As mulheres grávidas eram resguardadas das fotos: cuidados com a continuidade da tribo



uma bebida em uma panela velha, roubada possivelmente em alguma comunidade ribeirinha. É uma bebida feita com pequenos cocos cor de vinho, o patuá. Todos temem experimentar o viscoso líquido. Somente Sydney arrisca-se: não pode rechaçar um gesto de amizade. Os índios ficam por pouco tempo. Acreditamos que nem se deram conta de que somos apenas 19 neste dia. Logo vão embora. Chegam os homens que vararam quase 40 quilômetros de ida e volta, trazendo-nos mais rancho. Agora, há dois sentinelas à noite, em turnos de uma hora.

Igarapé em U

No terceiro dia ouvimos os gritos ao longe logo de manhã. “E, hê! E, hê!”. Respondemos. São 8h20 quando os avistamos na entrada do acampamento – estamos na área em que o igarapé forma um U e só há uma entrada por terra. Vão entrando pouco a pouco. Quando nos damos conta, há seis homens, três mulheres e sete crianças – quatro das quais, ainda nos colos das mães. É um indício forte de que nos aceitaram pacificamente. Se não jamais arriscariam suas mulheres e filhos em um acampamento onde são minoria e estão sem bordunas. Os funcionários da Funai guardaram os rifles nas barracas e carregam as armas no col-dre, discretamente.

Desde o primeiro contato não vimos sinais das longas bordunas feitas de macucu, uma madeira resistente e sólida. Os mateiros lembram que avistaram apenas algumas bordunas escondidas dentro da maloca, no dia do con-

10 DE OUTUBRO

Às 4h30 já estão todos de pé. O peso nas costas parece maior. O marubo Maurício caça dois macacos. A maior parte dos homens marcha com 20 a 30 quilos nas costas. A última refeição completa que fizemos foi há 24 horas. À noite, no novo acampamento, temos ensopado de macaco, com arroz e farinha. O caçador ficou com o prêmio

maior: o miolo do macaco, que, assado, é uma iguaria entre os índios. Na madrugada, Ademar grita na rede. Sonhou que os korubos o emboscavam no mato.

11 DE OUTUBRO

Marchamos toda a manhã, com apenas uma parada. Os índios marubos e matis ficam para trás, vigiando a

retaguarda. Estamos entrando na área da aldeia korubo. Varamos a mata aos tropeços. O terreno é acidentado e há dezenas de igarapés. As chuteiras estão encharcadas. As abelhas recobrem nossos corpos: sugam o suor salgado das roupas. Uma anta e um tatu são abatidos no caminho. Sydney pára e confere a rota pelo GPS, um pequeno aparelho que capta sinais de satélites. A Frente

se armou com a mais moderna tecnologia para assegurar o sucesso da expedição: computadores, rádios portáteis, aparelhos com visores infravermelho para ver no escuro, mapas de satélites e o GPS. Os índios, no final da fila, alertam: os korubos nos seguem. Ele volta de uma caminhada de reconhecimento e avisa: estamos «em cima» do roçado e da maloca. Nenhum sinal

O RISCO DA GUERRA ÉTNICA NO VALE DO JAVARI

Existem no país 60 grupos de índios arredios, segundo o Departamento de Índios Isolados. Cinco deles vivem na região do Vale do Javari. Os mais temidos são os korubos e os flecheiros, pelas mortes violentas que ocorreram em seus territórios. O assédio dos madeireiros, de caçadores, além de outros interesses na área, como o petróleo - a Petrobras quer retornar à área, onde atuou na década de 70 - colocam em risco a sobrevivência não só dos índios isolados como também dos demais grupos já conhecidos.

A Área Indígena do Vale do Javari, de cerca de 8,3 milhões de hectares (perde apenas para o território yanomami, com 9,4 milhões) está interditada desde abril de 1985. Mas até hoje não foi demarcada. Em janeiro deste ano, a Funai criou a Frente de Atração. Sydney Possuelo, chefe do Departamento de Índios Isolados, resolveu assumir pessoalmente o comando da Frente. Ele e a equipe elaboraram um dossiê sobre os riscos da deflagração de uma guerra étnica na região. O documento apresenta os números de três décadas de conflitos na área: já ocorreram mais

Possuelo intercepta barcos de invasores: reserva é de 8,3 milhões de hectares



Madeireiros e caçadores invadem a área que agora é protegida pela Funai

de 200 mortes entre índios, madeireiros, ribeirinhos e caçadores, além dos sete funcionários da Funai, desde 1965, quando as atividades extrativistas recuperaram o fôlego. O documento, datado de fevereiro deste ano, foi entregue diretamente ao presidente da Funai, que em setembro determinou a restrição ao ingresso de pessoas na área, por um prazo de três anos. Sydney fechou a boca do rio Ituí, colocando o barco Jacurapá de vigilância 24 horas por dia. De 12 a 19 deste mês, enquanto a expedição fazia o contato, a equipe da Funai interceptou 21 embar-

cações, com 107 pessoas, no total. Foram encontradas 24 carabinas calibre 16 e 11 com calibre 20, além de um revólver 38. Em agosto, Marcos Monteiro da Silva, prefeito de Atalaia do Norte, município na margem do rio Javari, arrancou as placas de interdição da área, colocadas pela Funai. «Se colocarem outras, eu arranco de novo. No meu município quem manda sou eu», afirma «Marquinhos». A Frente recolocou as placas e pediu apoio ao Exército, Polícia Federal e Ibama. Sydney, que já comandou expedições de contatos com sete grupos de índios arredios, afirma que agora vem a etapa mais difícil. «O contato pode garantir o processo de paz entre índios e ribeirinhos. Mas tenho dúvidas quanto aos madeireiros e políticos da região. Ficarão irritados com as medidas que vamos tomar. Temos não só de defender e preservar o ter-

ritório indígena como também manter constante vigilância em relação à questão ambiental.» O sertanista observa que a agressividade dos korubos e flecheiros foi, até agora, a única barreira que evitou maiores incursões - tanto de madeireiros como de traficantes - naquela área de fronteira. Fez o papel que cabia aos órgãos federais. Apesar do contato, a Funai não pretende manter os índios sob rédea curta. «Não faremos o posto na floresta, nos moldes tradicionais dos contatos anteriores. Ficaremos na margem do rio Ituí. Os korubos e os demais índios arredios devem levar uma vida independente. Afinal, conseguiram sobreviver nos últimos 500 anos. Eles têm apenas de saber que estamos aqui para apoiá-los», diz Sydney. Portanto, quem entrar em terra de caceteiro, por outros caminhos, está avisado: valerá a lei dos korubos.

tato. Os korubos não usam flechas, apenas bordunas, lanças e longas zarabatanas de até três metros, para caçar. Vivem da caça, agricultura e coleta de frutos da selva. Não pescam, pois vivem longe dos rios por terem um medo atávico à água. Indícios possíveis de que em épocas passadas sofreram com inundações. Por isso, Sydney montou o posto de atração em um barco, o Waikás, fundeado próximo à margem do rio Ituí.

Revide de caceteiro

A mulher do primeiro dia parece ter influência sobre as demais e se coloca em pé de igualdade com os homens. Força para manejar uma borduna ela tem. E rolam muitas histórias de revides de caceteiros nos quais as mulheres também participam da luta. Eles ficam por uma hora e meia e prometem voltar no dia seguinte. Escondemos parte de nossas provisões no mato. Mas eles acham o esconderijo. Levam o resto dos biscoitos e da farinha. Quase todas as panelas, várias facas e terçados e metade da paca caçada na madrugada. Deixam-nos uma parte do animal. É nossa única comida. Também encontram o machado com o qual cortamos lenha e madeira para construir os barracos. Desaparece juntamente com a colher de arroz, a concha e a escumadeira. Mexemos a comida com pedaços de pau.



No adeus, eles provam o cozido de paca. Cospem a comida: não gostam do tempero

São 6h30. Mal tivemos tempo de pular da rede e esconder nossas coisas. O acampamento logo é tomado pelos índios. São cerca de 20 korubos, entre mulheres, homens e crianças. Sydney não esconde o sorriso e a emoção. A última que o consumia nos cinco dias anteriores ao contato parece ter desaparecido. O mau humor e o cansaço dos primeiros dias foi varrido pelo riso dos índios. É a consolidação do contato. Somos, brancos e índios, uma aldeia miscigenada. Parece até um congresso da ONU: há dois franceses - um jornalista e uma radialista -, um cinegrafista sueco, os homens da Funai, quatro grupos indígenas e Ezequiel Pizango, um peruano.

Ezequiel, chamado por Sydney para acompanhar a expedição - já participou de outra frente de contato com o sertanista -, é um personagem único. Foi roubado pelos índios mayrunas aos nove

anos e permaneceu com eles até os 21 anos. Quando saiu da aldeia, foi atrás da mãe, reencontrando-a em Iquitos. «Foi uma grande alegria na minha vida. Um menino não esquece sua mãe», diz Ezequiel. A formação indígena, no entanto, falou mais alto que o sangue peruano e ele voltou para a comunidade mayruna. É um verdadeiro poliglota: fala português, castelhano e os dialetos mayruna, marubo e matis.

A tarde tem gosto de adeus. Partiremos amanhã, no décimo primeiro dia da expedição. Os índios estão excitados com os brancos que vieram em paz. Vão e voltam do roçado. Trazem muitas espigas de milho que são assadas pelas mulheres e compartilhadas por todos. Um grande cacho de patuá está depositado sobre folhas de palmeiras, no centro do acampamento. Eles experimentam a paca ensopada que está so-

A expedição sobe o rio Ituí: atalho para o contato

bre a fogueira, em um dos últimos caldeirões. Cospem a comida: não gostam do tempero. O líder korubo está cada dia mais infernal. Brinca com os homens, puxando o pênis de quem se aproxima para receber o patuá que oferece com um sorriso inocente.

O óculos do fotógrafo Ricardo Beliel quase vira troféu. Desaparece nas mãos dos índios. Ele o resgata Tateando em meio as redes onde o korubo se escondeu. Depois, Beliel, Afonso e Sydney passam por um carinhoso exame: mãos curiosas tocam as barbas dos três. Um korubo ri quando sente a aspereza da barba ainda curta de Beliel.

Sobressalto com armas

Seis homens saem para caçar. Entre eles Binan, o matis que se tornou o interlocutor dos korubos. Todos ficam sobressaltados com a saída de homens armados do acampamento. Binan explica que vai lhes trazer caça de presente. Os korubos se aquietam. Alguns, sorrateiramente, saem do acampamento. Mas voltam mais tarde. Durante as dez horas seguintes os índios perambulam pelo pequeno território branco como se estivessem em suas próprias malocas. Alguns relaxam nas redes, ao lado de homens da Funai, que descansam das seguidas noites de vigília. Sydney é flagrado no banho, em um girau sobre o igarapé. Pacientemente dá um

dos korubos. Em frente, há uma pequena abriga de palha. Sydney deixa panelas e facões de presente. Recuamos quase dois quilômetros, atravessando um longo trecho com lodo até os joelhos. Às 15 horas iniciamos a construção do acampamento que vai servir de base logística: são sete barracas, uma bancada de paus presos com cipó trançado e coberta

por um toldo, para armazenar os alimentos. Há até uma cozinha: um tapiri (uma construção de folhas de palmeira, inclinada). Caldo de anta e tatu assado é a primeira e única refeição do dia.

12 DE OUTUBRO

Um pequeno grupo sai para fazer reconhecimento da área. Volta sem

novidades. A anta, defumada na fogueira durante a noite, é servida no almoço e no jantar.

13 DE OUTUBRO

Ademar tem pesadelos na rede ao lado. Sob o mosquitoireiro, conta o mau sonho: viu um menino korubo morto em um caixão, recoberto pela bandeira do Brasil. Depois, varando a mata, o

menino morto saltava na frente dele. As sobras da anta transformam-se em farofa, farnel do grupo que sai para ir até a maloca. Afonso é quem traz a novidade: resolveu averiguar o que havia na pequena casinha de palha em frente. «Era o túmulo de um menino. Por isso eles abandonaram a maloca». Os sonhos de Ademar parecem premonição.

14 DE OUTUBRO

Não há mais carne e a caça está difícil. Um grupo segue uma nova trilha. A caminhada é dura. Varamos três quilômetros, «tropeçando» em indícios dos korubos: sete acampamentos antigos e dois novos, onde eles dormiram as duas últimas noites, desde que chegamos à área. Uma panela abandonada pode indicar que vão voltar.

Mais adiante, Afonso descobre um pesado porrete. Os homens lembram os sete companheiros da Funai mortos por essa arma. Mede 1,80 metro de comprimento e sete centímetros de diâmetro. Os korubos esfecelam os crânios de seus inimigos com tal borduna. Sydney decide encerrar a expedição no dia seguinte. Acredita que os índios abandonaram o local.

15 DE OUTUBRO

Desânimo toma conta de todos. Ninguém queria desistir do contato com os korubos. Sydney chefia um grande grupo até o roçado indígena. Parte da equipe vai até a maloca deixar novos brindes - panelas, facas, terçados e um machado. Outra, fica na entrada do roçado para vigiar a retaguarda. Ocorre então o encontro inesperado,

mas tão desejado. Após alguns minutos de tensão, começa a troca de presentes. Quatro índios nos acompanham até o acampamento. «Eles querem observar quantos somos», explica Sydney. Já não há mais lágrimas nos olhos do sertanista. Um sorriso desponta em meio a longa barba. «Agora, posso cortá-la. O contato foi feito. Era uma promessa».

CONFERÊNCIA TRIBAL ANTES DA PARTIDA

Comunicação
pelo tato: ervas
esfregadas
na cara
para amansar
os brancos

banho em um índio, que retribui esfregando vigorosamente o sabão pelo corpo, o cabelo, e a barba do sertanista. Sydney recebe uma boa porção de espuma nos olhos. O índio já havia experimentado o ardor do sabão na vista. E resolveu ver a reação de branco.

Jabuti virou farofa

Às 16h30 os caçadores voltam com cinco macacos e uma ave amazônica chamada jacu. Tudo é rapidamente guardado em cestos de palmeiras trançadas e carregado pelos índios. Quando nos preparávamos para a melancólica repetição do menu dos últimos dias - macarrão - Ezequiel e João surgem com dois jabutis. Mesmo assim jantamos o macarrão. O jabuti virou farofa para o farnel do dia seguinte. Às cinco horas, todos estavam de pé. O café da manhã foi o caldo de feijão que os sentinelas da noite cozinharam na madrugada. Carga nas costas, partimos em direção à maloca dos korubos, para nos despedirmos. Nos anunciamos um quilômetro antes. "E hê! E hê!". Somos recebidos por alguns homens. Vestiam as roupas que nos tiraram no primeiro dia.

Com gritos chamam as mulheres que estão em uma outra maloca, não muito longe do roçado. A grande índia korubo chega à frente das outras mulheres. Pinta-nos com urucu e barro. Preparam um último patuá, enquanto os índios da expedição são convidados a entrar na maloca para uma conferência tribal. Ficamos de fora. A despedida tem que ser rápida. Sydney decidiu que vamos fazer o percurso em um dia e meio - metade do tempo de nossa vinda. Os korubos não querem que partamos. Não se aquietam nem mesmo ao serem presenteados com as panelas e os facões. Pela primeira vez, mostram uma de suas armas:



**Só na despedida
foi possível
ver a *zarabatana*
de quase
três metros
que usam
para caçar**

a longa zarabatana de quase três metros de comprimento. As bordunas continuam escondidas.

Ouvimos os gritos que parecem de adeus. "Ahi, ahi". Por um longo trecho, nos seguirão na mata, soltando gritos e lamentos. Entraram 26 pessoas. Saíram todos. Um feito que vai provocar perplexidade nas cidades de Tabatinga, Atalaia e Benjamin Constant. Dominadas por ma-

deiros e traficantes, estas cidades vivem da extração da madeira, além do tráfico de drogas e do contrabando. E os poderosos não vêem com bons olhos o contato que vai reforçar a atuação da Funai na defesa do território indígena do Vale do Javari. Os korubos foram contactados. Mas os brancos que os rodeiam ainda não foram amansados. Esta é a mais difícil pacificação. ■